

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Leonel Antonio Severo Mattjie

PROFESSORES EM PLATAFORMAS DIGITAIS:
novas dinâmicas do trabalho docente no Brasil

Porto Alegre
2024

Leonel Antonio Severo Mattjie

PROFESSORES EM PLATAFORMAS DIGITAIS:
novas dinâmicas do trabalho docente no Brasil

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin

Linha de Pesquisa: Trabalho e Sociedade

Porto Alegre
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves (Diretor)

Alex Niche Teixeira (Vice-Diretor)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Luciana Garcia de Mello (Coordenadora)

Sandro Ruduit Garcia (Coordenador Substituto)

Mattjie, Leonel Antonio Severo

Professores em plataformas digitais: novas dinâmicas do trabalho docente no Brasil / Leonel Antonio Severo Mattjie. -- 2024.

57 f.

Orientador: Daniel Gustavo Mocelin.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. trabalho do professor. 2. plataformas digitais. I. Mocelin, Daniel Gustavo, orient. II. Título.

Leonel Antonio Severo Mattjie

PROFESSORES EM PLATAFORMAS DIGITAIS:

novas dinâmicas do trabalho docente no Brasil

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e aprovada com alterações indicadas pela banca.

Porto Alegre, 25 de março de 2024.

Prof.^a Luciana Garcia de Mello, Dra.
Coordenadora do PPG

Banca Examinadora:

Prof. Daniel Gustavo Mocelin, Dr.
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Sandro Ruduit Garcia, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Fernando Coutinho Cotanda, Dr.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Larisa Vieira Bandeira, Dra.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que efetivamente participaram da confecção da pesquisa ajudando das mais variadas formas.

Agradeço aos meus colegas de turma (ingresso no PPGS em 2022) que criaram um ambiente muito rico de troca de experiências, especialmente na fase de elaboração do projeto de pesquisa.

Agradeço à minha esposa, Fernanda, pela paciência de ouvir divagações e planos desde os primeiros momentos da seleção para o mestrado até a efetiva conclusão do trabalho.

Agradeço aos entrevistados que colaboraram com seu tempo e com suas histórias para a realização da pesquisa que buscou o fato social.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS pela estrutura que permite e estimula a educação pública, gratuita e de qualidade.

E, por fim, agradeço ao professor Daniel Mocelin, meu orientador, pelos inestimáveis ensinamentos que possibilitaram todos os passos desta caminhada e que foram tão importantes para a formação deste pesquisador.

É imperdoável a um professor valer-se dessa situação para buscar inculcar em seus discípulos as suas próprias concepções políticas, em vez de lhes ser útil, como é de seu dever, através da transmissão de conhecimento e de experiência científica.
(WEBER, 2002, p. 46)

RESUMO

Esta pesquisa trata do trabalho de professores por meio de plataformas digitais. O objetivo é investigar a configuração que a profissão docente vem assumindo quando realizada em plataformas digitais e se é uma alternativa profissional e de carreira para professores. Para tanto, se parte dos conceitos de plataformização na docência, de qualidade do trabalho e de reflexividade sob a égide da teoria da estruturação de Anthony Giddens com uma análise qualitativa de caráter exploratório com a realização de 15 entrevistas semiestruturadas buscando identificar uma tipologia a partir das escolhas dos agentes. A partir dos relatos dos entrevistados, ocorreu a busca por traços comuns sobre carreira, trajetória, rotina de trabalho, condições de trabalho, motivações e expectativas dos profissionais. Foi possível traçar uma tipologia de trabalho por plataformas públicas e privadas em que os profissionais de nível superior no exercício da docência são instruídos, conscientes e motivados, não havendo traços de precarização do trabalho, pois se observa uma atividade de escolha livre a partir da formação dos profissionais. É possível afirmar que se observou uma alternativa de inserção profissional e também de permanência em uma carreira como opção para professores.

Palavras-chave: trabalho do professor; plataformas digitais.

ABSTRACT

This research deals with the work of teachers through digital platforms. The objective is to investigate the configuration that the teaching profession has been taking over when carried out on digital platforms and if it is a professional and career alternative for teachers. To do so, starting from the concepts of platformization in teaching, quality of work and reflexivity under the aegis of Anthony Giddens structuring theory with a qualitative analysis of an exploratory nature with 15 semi-structured interviews seeking to identify a typology based on the agents' choices. Based on the interviewees' reports, the search for common traits about career, trajectory, work routine, working conditions, motivations and expectations of professionals. It was possible to outline a typology of work across public and private platforms in which higher education professionals in the teaching profession are instructed, conscious and motivated, with no traces of precarious work, because there is no activity of free choice based on the training of professionals. It is possible to state that an alternative for professional insertion was observed and also to remain in a career as an option for teachers.

Keywords: teacher's work. digital platforms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenho operacional da pesquisa.	28
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil dos professores plataformizados	33
Quadro 2 –Trajetória profissional	36
Quadro 3 – Reflexividade dos agentes.....	39
Quadro 4 – Carreira dos entrevistados.....	42
Quadro 5 – Tipologias de professores plataformizados	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD – Educação à distância

EJA – educação de jovens e adultos

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVOS	15
1.1.1	Objetivo Geral	16
1.1.2	Objetivos Específicos	16
2	TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR	17
2.1	PLATAFORMIZAÇÃO	18
2.2	INSERÇÃO PROFISSIONAL	20
2.3	EMBASAMENTO TEÓRICO	22
2.4	CAMINHOS METODOLÓGICOS	28
3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	30
3.1	PERFIL DOS PROFESSORES DE PLATAFORMAS DIGITAIS	30
3.2	FORMAS DE VÍNCULO DOCENTE A PLATAFORMAS DIGITAIS.....	36
3.3	CASOS PARTICULARMENTE RELEVANTES	43
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE	57

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno social em pauta no presente estudo é o deslocamento de professores para fora do ambiente escolar ou acadêmico, mais especificamente, para plataformas digitais. Embora essa migração não seja o campo a ser estudado, pois as plataformas digitais não são, necessariamente, vinculadas a instituições de ensino tradicionais, o trabalhador plataformizado pode até ter vínculo de emprego, mas não mantém contato presencial com o aluno, recebe uma remuneração e presta um serviço qualificado – e consciente – como profissional autônomo com eventual subordinação bastante relativizada. Trata-se aqui de analisar uma relação de trabalho bem específica que tem se multiplicado quantitativamente em relação aos docentes como alternativa de ingresso no mercado de trabalho educacional ou inclusive como opção de carreira.

Já se conhece na literatura a prestação de trabalho em outros campos com uma plataforma intermediando serviços de transporte de pessoas ou entrega de produtos e o liame, mais do que de autonomia jurídica (sem subordinação), envolve a falta de ajuste da prestação de trabalho entre quem presta e quem se beneficia. Neste campo, a produção científica ainda está voltada para a chamada “uberização” e, para os professores, procuramos cogitar que o trabalho plataformizado possa ser uma opção de carreira profissional, mediante novas formas de organização do ensino superior, em grande parte derivadas de novas tecnologias de informação e comunicação.

O meio acadêmico tem mostrado interesse pela plataformização em diversos campos, como no jornalismo – tratando da diversidade de mídias digitais (KALSING, 2021, p. 34) – e no direito – numa perspectiva de precarização da proteção social (LANNER, 2019, p. 102) –, entretanto, a situação dos professores pode ser bem distinta. O jornalista pretende problematizar a qualidade da notícia atravessada pelas ferramentas digitais. O jurista quer questionar o quanto um trabalhador pode ter prejudicada sua rede de proteção social pela falta de pessoalidade. Outros campos podem analisar a confiabilidade dos dados que circulam na rede.

No caso do professor, a plataforma digital é um intermediário na relação básica do ensino que é entre o professor e o aluno. Trata-se da diversificação da educação

superior, com outras alternativas e modalidades que suprem outras demandas e lacunas do sistema e, por isso, abrem outras possibilidades de trabalho e alternativas profissionais. O trabalho do professor extrapola a “entrega” de mercadoria, porquanto envolve o preparo de um profissional qualificado voltado a um serviço de formação educacional do público que estuda. Saber o que leva um professor a abrir mão do contato direto com o aluno é relevante para identificar tipologias, que é uma das buscas desta pesquisa. Mesmo antes da existência de plataformas digitais, o trabalho de professores de idiomas (que não exigiam formação sólida) ou de aulas particulares de reforço (que forneciam uma prestação específica por período determinado) não prescindia de um ambiente institucional, muitas vezes se realizando por meio de redes pessoais, e não tinham uma abrangência que indicasse mudança na forma de organização do trabalho dos docentes em instituições de ensino. Ou seja, essa forma de trabalho não acabou com o ensino formal institucionalizado, mas veio a preencher espaços. A plataforma da educação pode estar mais visível por ocorrer na internet, em um contexto de maior acesso a essa rede digital. É provável, portanto, que essa modalidade não tenha intenção explícita de concorrer com instituições tradicionais de ensino superior, mas de atingir uma demanda reprimida.

A fim de delimitar o recorte da pesquisa, realizamos uma incursão pré-exploratória com professores que trabalham por plataformas digitais em três níveis educacionais: EJA, ensino profissionalizante e ensino superior. Essas abordagens serviram para delimitar que é no ensino superior que esse objeto é definido e passível de pesquisa, porquanto o magistério superior agrega os professores formados em torno do objetivo da educação e mantém uma rede de profissionais ligados à atividade-fim. O trabalho de professores por plataformas digitais, que continuam sendo destinadas à formação de estudantes universitários, comporta a problematização acerca de nem sempre se tratar de um trabalho precário, ao contrário da crença compartilhada no senso comum. Por conseguinte, se pode buscar elementos que continuam atraindo os dois lados da relação de ensino, ainda que sem contato direto, e buscar indicadores sociais de coesão. Nesse norte, se pode indagar se os professores que prestam trabalho por plataformas destinadas ao ensino superior são um grupo homogêneo que representa uma nova forma de se

inserir na profissão docente. E não se trata de um mero uso de ferramentas digitais, como muitos entrevistados compreenderam na fase de convites para entrevistas, mas de trabalho intermediado em algum elemento constitutivo por plataformas digitais que contenha sempre três pólos indispensáveis à perfectibilização do trabalho: prestador do trabalho (professor), plataforma digital e destinatário da prestação (aluno).

A pesquisa propõe uma investigação sobre a adesão de professores ao trabalho em plataformas digitais no ensino superior a fim de verificar para quem essa tem se caracterizado como uma alternativa de inserção profissional e em que medida tende a se constituir como potencial para a carreira profissional docente. A motivação do profissional tem a ver com sua trajetória profissional e com as expectativas para a inserção na profissão. Parece que pode haver, nesse contexto, um movimento migratório de profissionais do vínculo tradicional em instituições, portanto, se trataria de uma adaptação ou reenquadramento para novos perfis de profissionais que, por diferentes razões (tipologias), buscam novas alternativas de carreira docente, ainda que por plataformas digitais que na sua gênese têm componentes intrínsecos de precarização do trabalho. Em que medida a compreensão dos professores sobre a plataformização da educação tem subsidiado a construção de carreiras profissionais alternativas às trajetórias verificadas no âmbito do modelo típico observado em instituições de ensino superior? Como essas carreiras docentes são construídas? Como esses agentes monitoram essa realidade e agem nesse contexto de plataformização? Quais capitais e relações caracterizam essas carreiras docentes em plataformas educacionais? Que regras e recursos os docentes utilizam nas suas estratégias de inserção em plataformas educacionais? Indagações pertinentes e que delimitam o objeto da presente pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

A seguir são descritos o objetivo geral e os objetivos específicos para nortear as escolhas teóricas e metodológicas para tratar do problema de pesquisa.

1.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a configuração que a profissão docente vem assumindo quando realizada em plataformas digitais, observando sua efetiva constituição como alternativa profissional e de carreira para professores de ensino superior.

1.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- a) Compreender as motivações dos professores de nível superior para aderirem ao trabalho docente em plataformas digitais;
- b) Mapear traços comuns na trajetória de formação e profissional entre os professores de nível superior que prestam trabalho por plataformas digitais;
- c) Observar as regras operadas e recursos mobilizados pelos professores para formar uma carreira por plataformas digitais;
- d) Identificar as estratégias de profissionalização e os investimentos realizados pelos professores na carreira em plataformas;
- e) Analisar as condições de trabalho dos professores de nível superior no mercado de trabalho por plataformas digitais;
- f) Avaliar a inserção profissional de professores de nível superior no mercado de trabalho por plataformas digitais.

2 TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

O foco das discussões sobre a educação normalmente recai sobre índices de desempenho e debates acadêmicos são travados apenas no campo da própria educação. A figura do professor enquanto trabalhador, por outro lado, sofre desprestígio em um cenário de mercantilização da educação e de debates públicos sobre ensino domiciliar. O deslocamento da perspectiva para o campo sociológico é uma justificativa acadêmica para uma visão mais ampla deste fenômeno social. A migração de profissionais de um modo de trabalho tradicional para formas alternativas, como as mediadas por plataformas digitais, é um fenômeno do Século XXI, posto que, mesmo modalidades extraescolares como aulas particulares ou aulas de reforço eram contratadas com pessoalidade e fomentavam relações entre pessoas (educandos e ensinantes).

O trabalho por plataformas digitais se difundiu em várias atividades, porém com particularidades provenientes de tarefas que exigiam pouca ou nenhuma qualificação e que eram alternativas no mercado de trabalho para o prestador informal autônomo. A incorporação dessa lógica em atividades como a do docente enseja uma análise mais acurada, porquanto o perfil de um profissional mais qualificado (no mínimo, com nível superior) suscita novos questionamentos (justificativa social) sobre o porquê da adesão a essa forma de trabalho alternativa à regra geral do vínculo de emprego. E não se trata de terceirização ou pejotização de trabalhadores, que eram formas de trabalho com intermediários na contratação do labor, mas da ausência de contato direto do trabalhador com o fruto do seu trabalho. Estamos diante de uma prestação de serviço em que o profissional fornece sua força de trabalho intelectual sem necessariamente manter contato com o aprendiz e, não raro, fornece apenas um fragmento que compõe o produto que gerará uma aula. Não se trata de restringir a uma análise de classe ou de mobilização sindical, enquanto fenômeno coletivo, mas na motivação dos indivíduos que compõem o grupo dos profissionais de educação por plataformas digitais. Também não se trata de avaliar o liame contratual formal que se estabelece, já que a “adesão” a uma plataforma pode ser convertida em contrato de trabalho e, ainda assim, não ser uma tomada de serviço direta entre o prestador e o “cliente”. Ainda, não se trata de

profissionais que apenas façam o mero uso de aulas remotas ou mesmo *youtubers* que buscam seguidores, pois aí nada mais seriam que professores particulares num cenário “moderno” de ferramentas digitais.

Lembrando que a pesquisa propõe uma investigação sobre a adesão de professores ao trabalho em plataformas digitais no ensino superior e, a partir do problema de pesquisa e dos objetivos traçados, são cogitadas as seguintes hipóteses:

- As carreiras docentes em plataformas são construídas por professores do ensino superior mais jovens, que visualizam nesse segmento uma possibilidade mais rápida de inserção profissional do que no sistema formal institucional, porque nas plataformas podem ser mobilizados mais conhecimentos tecnológicos (habilidade com tecnologias) e menos capital científico (produção de artigos);
- Os professores que já atuam na docência em instituições tradicionais migram para plataformas digitais porque consideram uma forma de se inserir num nicho de mercado de trabalho que demanda adaptações a tecnologias que oferecem oportunidades de exercitar novas metodologias de ensino;
- Os professores que ainda não atuam na docência em instituições tradicionais encontram no ensino por plataformas oportunidades de ampliar a sua renda, especialmente quando se trata de mestres com o doutorado em andamento;
- Os professores ingressam no mercado de trabalho do ensino superior se vinculando a plataformas digitais por se identificarem com tecnologias digitais desde a sua formação e por poderem explorar as habilidades adquiridas na formação para a docência;
- Os professores que trabalham em plataformas digitais do ensino superior têm características comuns que permitem traçar tipos de profissionais com conhecimento tecnológico propenso a uma forma de trabalho que demanda determinadas adaptações a recursos digitais.

2.1 PLATAFORMIZAÇÃO

Plataformização é um fenômeno novo e que vem sendo amplamente debatido em diversos contextos econômicos e culturais, atingindo diversas esferas da atividade social. A construção desse conceito tem instigado pesquisadores e

estudiosos de diversas áreas do conhecimento, especialmente da Sociologia do Trabalho, que vem procurando analisar fenômenos empíricos correlatos como o transporte de passageiros e a entrega de alimentos. Todavia, a definição se alargou sobre a distribuição de bens de consumo e a prestação de serviços. O fenômeno da plataformização, atualmente, também se manifesta sobre a esfera da educação.

A plataformização depende das chamadas plataformas-aplicativos, que são tecnologias caracterizadas como *“infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados”* (POELL et al., 2020, p. 4). A existência e a proliferação dessas plataformas são apropriadas pela sociedade e pela economia promovendo o já denominado fenômeno da plataformização, o qual significa o uso efetivo desse tipo de ferramenta tecnológica digital em diversos ramos produtivos e atividades sociais. Nesse sentido, a plataformização precisa ser considerada como *“a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida. E, (...) como a reorganização de práticas e imaginações culturais em torno de plataformas”* (POELL et al., 2020, p. 5). Dada a importância manifesta do fenômeno, não é de se desconsiderar que a plataformização vai se colocar também sobre a esfera da educação e, no caso do ensino superior, ter repercussão sobre a atividade de ensino e a construção das trajetórias profissionais docentes. No âmbito da Sociologia do Trabalho, Rosenfield e Almeida (2020) complementam que a plataformização está relacionada também a outros processos que ajudam a caracterizar o fenômeno de maneira atrelada às relações laborais, tais como a

...a gestão algorítmica do trabalho, vigilância invisível e constante sobre o trabalhador, extração de dados e sua incorporação ao capital, disponibilização constante do trabalhador sem qualquer obrigação de nenhuma das partes, trabalho como mero fator de produção sem qualquer responsabilidade sobre a sua reprodução (ROSENFELD; ALMEIDA, 2022, p. 9-10).

As pesquisas sociológicas sobre a plataformização do trabalho têm se apresentado bastante preocupadas com os efeitos do labor assim realizado sobre as condições de emprego e priorizado analisar as relações contratuais de trabalho

plataformizado. Contudo, é importante também empreender esforços investigativos sobre a plataformização no caso de atividades profissionais com maior conteúdo ocupacional, como é o caso da educação superior. Em relação ao trabalho docente, a penetração da lógica da plataformização aponta para a elaboração de

uma abordagem didático-pedagógica em que os processos educacionais são semi ou totalmente automatizados por meio de técnicas e tecnologias digitais em rede – como plataformização, youtuberização, gamificação, algoritmização, dataficação, entre outras –, de modo que estudante-e-computador formem um sistema capaz de aprender autonomamente, como se técnicas-e-tecnologias fossem o timoneiro de um “sistema fechado” que dispensa a atuação de humanos externos: as/os professoras/es (PIMENTEL; CARVALHO, 2022, p. 3).

Evidentemente que não é a tecnologia digital que produz o conteúdo educacional, pois há um ser humano que trabalha para criar um “produto” que será direcionado pela plataforma para o destinatário final ou sujeito da educação. No nível superior, essa modalidade de ensino ganha uma especial importância em razão da concentração de instituições de ensino superior em centros urbanos, que dispõem de maior rede informática e estão mais conectados. Ainda assim, a difusão do acesso à internet potencializa seu uso como ferramenta de capilaridade por localidades onde não seria possível se todos os estudantes precisassem se dirigir presencialmente a uma instituição de ensino superior. Mesmo os estudantes que estejam geograficamente próximos, podem optar por uma forma de estudo com liberdade de horário ou mesmo por meras preferências de uso da tecnologia de ensino. De outro lado, a produção de conteúdo por professores não presentes abre possibilidades para que a instituição de ensino diversifique o caminho entre o prestador (professor) e o destinatário (aluno).

2.2 INSERÇÃO PROFISSIONAL

A plataformização é um fenômeno social que atrai profissionais para uma forma de trabalho predominantemente autônomo e a prestação por professores pode ser (ou não) uma transformação com impacto em outras searas das relações sociais, como os vínculos com instituições de ensino e mesmo a forma de ingresso na profissão docente. Como se trata de um fenômeno social relativamente recente, a adesão ou a migração dos agentes configura uma atividade intencional com

consequências impremeditadas (GIDDENS, 2009, p. 346). A produção de diagnósticos sobre como se relacionam os agentes envolvidos na educação tem uma importância social tanto para a consciência dos cidadãos de um projeto de sociedade, quanto para provocar agentes políticos acerca da necessidade de estímulo ou regulação de novas formas de interação social. A existência de um fenômeno não é suficiente para que ele se multiplique na realidade social e a motivação de quem participa do fenômeno ajuda a dimensionar a relevância e a necessidade de tratamento pela opinião pública e pela comunidade acadêmica.

Nesse sentido, a inserção de profissionais nesse novo segmento do mercado de trabalho docente parece ser um movimento inevitável e crescente, o que exige a necessidade de estudos que se voltem a conhecer essa realidade, as condições de trabalho e o perfil dos professores de plataformas, inclusive as suas motivações. Ademais, considerando o próprio conceito de plataformização, convém averiguar se, no caso da educação e, por conseguinte, do uso que os professores fazem desses meios, as plataformas-aplicativo subsidiam a complexa atividade docente visando controlá-la, ou se, na verdade, servem apenas como meio para a promoção das atividades de ensino, tendo o professor autonomia sobre o planejamento didático, o teor do conteúdo e os métodos de ensino.

Por tais razões que circunscrevem o fenômeno da plataformização no ensino superior, é cabível procurar saber um pouco mais sobre qual reflexão tais agentes fazem de suas trajetórias diante desse contexto para, então, buscar maior compreensão sobre o porquê de os professores de nível superior aderirem ao trabalho por plataformas digitais em um campo que supostamente ainda poderia oferecer vagas profissionais em instituições de ensino tradicionais, já que existe até hoje *déficit* na cobertura da demanda por educação superior no país. Ainda, se se trata de uma adesão voluntária ou uma inserção compulsória a essa forma de trabalho pressupostamente “mais autônomo”. Não se podem descartar outros fatores que possam vir a estar envolvidos nesta alternativa profissional. Cumpre cogitar se implica uma escolha autônoma potencializada pela nova e crescente realidade educacional baseada em plataformas digitais, se revela um condicionamento circunstancial que se tornou recorrente em função de relações estabelecidas durante a trajetória ou mesmo se é uma necessidade de inserção laboral que pode ter ido se

tornando contínua, mas que acabou sendo incorporada de alguma forma como carreira. De qualquer forma, a motivação do profissional tem a ver com sua trajetória profissional e com as expectativas de vida para a inserção na profissão e essa escolha complexa do agente é crucial para a análise do fenômeno ora estudado.

A (des)agregação de trabalhadores qualificados pode ser um sintoma de um momento econômico desfavorável para o segmento ou um rearranjo do sistema de educação superior com abrangência histórica e estudar essa dinâmica é relevante para identificar tipologias de carreiras profissionais em um sistema de educação superior mais complexo. Em um contexto de mudanças, os profissionais podem escolher esse tipo de vínculo, especialmente no início da sua trajetória profissional. Evidentemente que essa hipótese exige análise de dados empíricos e a aparente diminuição de proteção social, já que o trabalho autônomo fornece um vínculo com menos estabilidade, pode ou não significar a precarização do trabalho a depender das motivações dos trabalhadores que escolhem abrir mão de um vínculo formal para ter uma relação mais fluida com o trabalho educacional em plataformas. A natureza digital da plataforma dificulta ou mesmo inviabiliza qualquer organização coletiva dos trabalhadores, como foi o surgimento dos sindicatos na revolução industrial, e o trabalho por plataformas digitais fomenta um isolamento do prestador. Se a instituição de ensino é um elemento fundamental de agregação de professores, com a plataformização do ensino, a organização dos vínculos pode ocorrer em uma empresa de tecnologia e cabe investigar em que medida tal tipo de vínculo cria condições que tornem o docente um agente satisfeito com seu exercício profissional e que, ainda assim, continue querendo ser professor, mesmo que plataformizado. A possibilidade de traçar tipologias destes perfis profissionais de docentes do ensino superior que atuam em plataformas pode ajudar os envolvidos nesse vínculo educacional quando da busca de vagas existentes e este estudo ainda carece de incursão empírica no Brasil.

2.3 EMBASAMENTO TEÓRICO

Para contextualizar a pesquisa a partir de seus objetos teóricos e empíricos, faz-se importante partimos da produção científica acerca do tema. Merece destaque o papel humano do professor num contexto de crescente dependência de

ferramentas, mormente digitais (BRANDES; WOULTERS, 2004, p. 141). Já em 2014, havia avaliação acerca da atratividade da carreira docente para os jovens (BRITTO; WALTENBERG, 2014). A partir dos anos 2000, a diversificação do sistema de ensino superior se intensifica e não se queda alheia a novas tecnologias que acabam por reconfigurar o trabalho docente. Buscando uma análise deste fenômeno, não só as formas de contratação ofertadas se dinamizam, mas também se diversifica o perfil dos profissionais que almejam este nicho. Para uma abordagem metodológica, é necessário definir o recorte de pessoas que expressam esse grupo (professores de nível superior em plataformas digitais) e também o que motiva esses indivíduos com qualificação específica a escolherem uma ou outra forma de trabalho. A questão da formação de professores no Brasil tem um componente político, mas também direciona novos perfis de futuros licenciados (FELIPE; CUNHA, 2021, p. 146). É cabível avaliar a inserção voluntária destes indivíduos em um contexto social maior e porque esses profissionais continuam a escolher o campo da docência quando poderiam escolher formas de subsistência diversas, ou seja, o que motiva a adesão a uma profissão que se destina à formação educacional da sociedade e numa nova forma de prestação (plataformizada). O primeiro ponto de partida desta problematização é a teoria dos agentes, já que as escolhas individuais têm repercussão na teia social.

Parte-se da premissa de que cabe à ciência interpretar como os atores agem na realidade a partir das próprias decisões (reflexividade), pois é o próprio agente que conhece as circunstâncias que o motivam. No caso, considera-se uma perspectiva da agência de Weber para associar à teoria da estruturação de Giddens e analisar a escolha dos professores em aderir a plataformas digitais de trabalho, seja migrando de outras formas de labor em um modelo de docência tradicional, seja ingressando na carreira da docência já neste modelo plataformizado. A partir da teoria da estruturação de Anthony Giddens, em uma perspectiva da ação social de Max Weber e dos dados já colhidos em entrevistas exploratórias, a plataformização do trabalho docente pode ou não permitir traçar tipologias a partir das experiências vividas (PAUGAM, 2015, p. 247). Ainda, a utilidade de traçar tipologias de estudo é corrente na sociologia em inúmeros estudos, como a feita por Dubar (DUBAR, 2005,

p. 211) na linha do que já foi preconizado por Weber na busca de tipos ideais (SELL, 2015, p. 115).

O surgimento do trabalho por plataformas digitais (mais vocacionado para empresas de tecnologia da informação) não se deu originalmente na educação, mas se infiltrou nesse campo, da mesma forma que ocorre em todas as áreas. Também fora do Brasil já há estudos sobre perfis de profissionais que prestam trabalho docente em universidades (NELSON; MONSON, 2020). Embora seja um elemento relevante na prestação de trabalho, não é o liame jurídico que define essa nova forma de trabalho, mas a quebra da relação de contato pessoal ou proximidade na relação entre professor e aluno, que já era descrita por Weber (WEBER, 2002, p. 51). Enquanto há autores que defendem que se trata de um trabalho precário, há hipóteses de se tratar de uma forma atraente em alguns aspectos para um perfil de profissional que identifica vantagens em relação aos vínculos tradicionais. Ainda não se produziram estudos sobre os perfis destes profissionais no Brasil, especialmente após um período de pandemia em que os contatos remotos se agudizaram e foram conhecidos por parcelas significativas da população que ignoravam essa possibilidade de ensino remoto.

Pedro Demo defende que o educador deve continuar como aprendiz, ou seja, manter-se estudando para conseguir despertar a curiosidade, autonomia e criatividade nos alunos (DEMO, 2004), quase sempre já enquadráveis como nativos digitais, o que é compatível com as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), porém foi um modelo pensado numa lógica analógica. Ocorre que estudos mais recentes (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 13) sugerem que a educação à distância por meio digital já é uma realidade presente na educação desde o final da década de 1990 e que o *eLearning* é uma tendência que se impõe e que exige rever as concepções pedagógicas de outrora. Dito isso, abre-se espaço para velhos debates políticos acerca do *homeschooling*, por exemplo, que está com projetos de lei avançados no Congresso Nacional, e para formas menos tradicionais das relações entre aprendizes e ensinantes.

A partir do amplo campo de pesquisa descrito na revisão da literatura (POELL *et al.*, 2020, p. 3), passamos a delimitar quais os conceitos teóricos podem nos ajudar a compreender os marcos descritos anteriormente no problema de pesquisa.

O trabalho do professor já é um tema bastante estudado, mas não nesta perspectiva de professores em plataformas. Da mesma forma, a plataformização do trabalho já tem um arcabouço teórico consistente. A pertinência do cruzamento destes conceitos é que pode ser objeto de pesquisa empírica a partir do pressuposto de que é um fenômeno que está ocorrendo na prestação de ensino superior, especialmente com o crescimento da educação à distância. Nesse contexto, nada aponta para a extinção da profissão de professor ou da substituição por robôs, por exemplo, pois há uma reconfiguração de atores envolvidos no objeto de aulas, como editores de imagem ou mesmo influenciadores digitais, mas sempre em torno de um objeto comum que persiste: a educação universal. Um conceito que também está envolvido é o de qualidade do trabalho, não necessariamente precário, mas é um fator importante para analisar o fenômeno da migração de uma forma tradicional de emprego para uma forma alternativa de vínculo menos estável.

Os professores, mesmo os plataformizados, em pauta na presente proposta de estudo, são agentes que estão construindo possibilidades para ampliar as suas oportunidades e chances de vida. Estão imersos em um contexto e possuem a capacidade de refletir sobre o mesmo, interagindo com outros agentes e construindo suas estratégias de inserção com base nas condições que visualizam. Entender como o agente vai encarar a realidade e perceber espaços onde pode atuar a partir de determinadas habilidades e competências que ele tem é o suporte teórico para avaliar as relações sociais que envolvem os professores em plataformas digitais.

Weber pensa em um contexto em que relação social é “*a probabilidade (chance) de que se atuará socialmente numa forma (com sentido) indicável, não interessando agora em que se funda esta probabilidade*” (WEBER, 2022, p. 59), ou seja, o agente exerce algum grau de autonomia para fazer escolhas que lhes façam sentido no curso da ação. A teoria da estruturação de Anthony Giddens e o conceito de reflexividade na ação dos agentes dá conta de fornecer suporte teórico para a análise desta dualidade. A constituição de agentes e estruturas representa uma dualidade e “*se apoiam em regras e recursos na diversidade de contextos de ação, são produzidos e reproduzindo em interação*” (GIDDENS, 2009, p. 30). Quando um professor escolhe exercer a docência por uma plataforma digital, ele não está ignorando a estrutura social em que está inserido e tem consciência de que suas

escolhas definem sua realidade e suas chances profissionais. A atividade social não pode ser completamente explicada a partir de uma macroperspectiva, embora as estruturas sociais condicionem as ações dos agentes individuais. A estrutura e a ação restringem uma à outra de uma forma recursiva e a teoria da estruturação é uma tentativa de reconciliar teorias sociais como agência/estrutura, subjetivo/objetivo e micro/macro perspectivas. A abordagem proposta não se concentra na individualidade, pois propõe adotar um equilíbrio na tentativa de tratar das influências da estrutura (incluindo a cultura). Nessa concepção teórica, a repetição dos atos intencionais dos agentes individuais irá reproduzir a estrutura sem qualificar se esse movimento é positivo ou negativo, mas um movimento espontaneamente derivado do contexto de ação dos agentes envolvidos.

A teoria da estruturação sustenta que a ação humana é realizada no contexto de uma estrutura social preexistente que é regida por um conjunto de normas distintas das outras estruturas sociais que se sustentam a partir de uma agência. A ação humana é, ainda que parcialmente, predeterminada a partir de propriedades estruturais variáveis do contexto em que ocorre. Como a estrutura social e as propriedades estruturais não são permanentes, são sustentadas e modificadas pela ação humana e a teoria foi mobilizada considerando a relação entre o sujeito e o instituído. A partir da ideia de reflexividade dos atores a respeito do contexto em que estão imersos, considera-se que eles se utilizam das circunstâncias em que vivem, tecnologias disponíveis e mudanças no âmbito da educação – como regras e recursos – para conseguirem desenvolver um senso prático na atividade. É a teoria apropriada para quando se busca ouvir o objeto falar, ou seja, o chamado conhecimento mútuo que se observa quando se considera que os atores compreendem a vida social como significativa (GIDDENS, 1997, p. 133). Como não sabemos mais que os agentes a respeito da realidade deles, estes atores cognoscíveis fornecem os fatos “reais”, já que é o próprio agente que sabe o nível de risco a partir do que ele conhece. É o agente que tem a motivação da ação, que manifesta a racionalização da ação e que faz o monitoramento reflexivo desta ação.

Ainda, o conceito de plataformização trabalhado por Rosenfield e Mossi (ROSENFELD; MOSSI, 2020) remete à análise de uma nova configuração do labor e o conceito de plataformas é bem descrito assim: “*Uma plataforma é, a um só*

tempo, lugar de trabalho, produção, interação, sociabilidade e circulação de sentidos, valor e capital” (GROHMANN, 2020). Partir da perspectiva de que o professor está inserido neste lugar de trabalho permite analisar a qualidade do emprego (MOCELIN, 2011, p. 52) neste contexto de plataformização do trabalho docente, mas de uma ótica que recorre à própria tradução dos agentes envolvidos sobre suas motivações e escolhas pela adesão ao ensino superior por meio de plataformas, ampliando, assim, a possibilidade de, por meio do estudo de casos desse tipo, serem classificados, em maior ou menor medida, como uma opção futura de inserção profissional e de carreira para professores.

Embora as NTICs não sejam um instrumento tão recente, a bibliografia também já se debruçou sobre o ensino remoto emergencial (ERE) muito comum por um período prolongado de isolamento social que se impôs no contexto de pandemia de Covid-19 (PORTES; PORTES, 2021) e observa que há exigências burocráticas no mundo digital que também evidenciam diferenças entre docentes mais adaptados ao uso de tecnologias digitais e até preferências pelo seu uso, o que é compatível com uma parcela dos profissionais migrando ou ingressando na carreira já por meio de plataformas digitais. Se assim se observar no campo, o trabalho por plataformas pode atrair pessoas bem formadas e qualificar o conteúdo produzido, visto que pode haver uma sintonia entre alunos nativos digitais que demandem produção de conteúdo virtual por professores também com esse perfil. Embora o objeto do ensino não seja a tecnologia, pois essa é apenas uma ferramenta, as pessoas envolvidas – e suas escolhas pelas mais diversas motivações – são os agentes que moldam as relações que gravitam em torno das plataformas digitais.

Em 2021, a plataformização foi descrita como gestão algorítmica do trabalho por Rosenfield e Almeida (ROSENFELD; ALMEIDA, 2021), como antes referenciado. Na situação da docência, isso pode significar, por hipótese, que o professor produz um conteúdo educacional e apenas isso, ou seja, o objeto da educação não depende mais do contato humano direto, o que chega a ser chamado de cibertecnicismo (PIMENTEL; CARVALHO, 2022, p. 5), que, embora seja uma nomenclatura que pouco difere de plataformização, se assemelha quando descrito seu conteúdo empírico.

2.4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para operacionalização dos conceitos de plataformização na docência, qualidade do trabalho e reflexividade, além de se partir do arcabouço teórico já descrito (perspectiva da agência e teoria da estruturação), foi realizada pesquisa qualitativa de caráter exploratório acerca da plataformização na educação superior, buscando identificar uma tipologia a partir das escolhas dos agentes. Para tanto, as dimensões pesquisadas foram carreira e trajetória, condições de trabalho, motivação, as quais estão presentes nas entrevistas realizadas no campo, sempre buscando seguir indicadores compatíveis com o objeto em estudo, no caso, apurando dados como a idade, a rotina de trabalho, em quantas plataformas trabalha, o tipo de contrato, a remuneração, a carga horária semanal, o número de alunos. A Figura 1 apresenta o desenho operacional da pesquisa.

Figura 1 – Desenho operacional da pesquisa

Trabalho docente no ensino superior (imersão do agente)	Plataformização (contexto de ação do agente)		
	Razões da atuação na plataforma educacional	Rotina de trabalho na plataforma educacional (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 427)	Condições de trabalho na plataforma educacional
Trajétória	Oportunidade (?) Necessidade (?) Demanda (?)	Satisfação Aprendizado (?)	Motivação (incentivada/ financeira/ educacional)
Reflexividade do agente	Interações ↔ Recursos ↔ Regras		
Carreira	Expectativas (passagem/continuidade/investimento?)		
Tipo de inserção profissional	Qualidade/potencial de construção de carreira no ensino superior plataformizado		

A técnica de coleta de dados foi a partir de entrevistas semiestruturadas, conforme roteiro no apêndice, com professores que atuam ou atuaram em plataformas digitais de nível superior para produção de dados primários. As entrevistas foram realizadas por meio remoto e gravadas com ferramentas digitais de acordo com a disponibilidade dos informantes e com o cronograma da pesquisa. Os informantes foram selecionados a partir de contatos com professores já formados, buscando amostras diversas, mas também com a técnica “bola de neve” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 407).

A técnica de análise de dados foi a análise de conteúdo para interpretar as respostas acerca das motivações dos entrevistados a partir dos seus relatos enquanto informantes com foco nos objetivos propostos para avaliar as hipóteses cogitadas, tornando inteligíveis os textos individuais na busca de significados sobre o fenômeno social estudado, o qual não ocorre por acaso e, sim, por escolhas conscientes dos agentes.

Para relacionar os conceitos, avaliar as motivações dos agentes exige considerar as trajetórias dos profissionais, o ingresso na forma de trabalho por plataformas, eventual migração de outros modelos de trabalho para cogitar se é uma opção viável para o trabalho docente. Para tanto, as relações entre as hipóteses se estabeleceram a partir do que foi narrado pelos agentes nas entrevistas (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2008, p. 114).

3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Foi realizada incursão no campo de estudo operacionalizada por entrevistas com professores a fim de buscar o cumprimento dos objetivos traçados e confirmar ou não as hipóteses inicialmente propostas a partir da realidade dos fatos sociais pertinentes, sendo descritos, comparados e explicados os dados colhidos.

3.1 PERFIL DOS PROFESSORES DE PLATAFORMAS DIGITAIS

A atividade de campo da presente pesquisa se deu, após a realização e qualificação do projeto de pesquisa em 17/01/23, pela realização de 15 entrevistas semiestruturadas entre os dias 22/03/23 e 12/07/23 para posterior análise dos seguintes dados descritos. Foi seguido um roteiro aberto de perguntas para ouvir experiências dos entrevistados, conduzindo alguns aspectos específicos para ser possível cruzar dados entre os entrevistados. Para manter a confidencialidade decorrente de questões éticas na pesquisa, os entrevistados serão apresentados com as iniciais ou com números ordinais.

A primeira entrevistada (A.D.R.) tem 44 anos, é professora na Universidade La Salle em Canoas, segundo seu currículo *lattes*, tem mestrado em ciências da computação e leciona disciplinas no curso de graduação em engenharia, bem como é coordenadora do mesmo curso atualmente. A entrevista foi realizada no dia 22/03/23 pela plataforma *google meet* e durou 35min36seg. A professora A.D.R. ministra aulas presenciais com o auxílio da plataforma *moodle* e é empregada celetista da Universidade.

A segunda entrevistada (E.K.M.O.) tem 42 anos, é professora municipal de ensino fundamental e professora particular do idioma inglês, tem vínculo com a plataforma da *Conley University* do Havaí, segundo seu currículo *lattes*, tem mestrado em educação e leciona a disciplina de inglês básico a avançado, inclusive conversação. A entrevista foi realizada no dia 30/03/23 pela plataforma *google meet* e durou 45min14seg. A professora E.K.M.O. segue as diretrizes da plataforma contratante e tem alunos de várias nacionalidades, sendo que o labor pela plataforma é sua principal ocupação.

A terceira entrevistada (A.P.R.) tem 35 anos, é servidora pública estadual, é doutoranda do PPGS/UFRGS, segundo seu currículo *lattes*, tem mestrado em estudos estratégicos internacionais e prestou serviços como professora do idioma inglês por sete anos pela escola CNA e, depois, pela plataforma superprof (a partir de 2020). A entrevista foi realizada no dia 16/05/23 pela plataforma *google meet* e durou 28min11seg. A professora A.P.R. realizou intercâmbio de um ano e meio nos EUA, atuava como professora de idiomas como uma atividade de complementação de renda e não trabalha com crianças.

O quarto entrevistado (R.R.B.) tem 85 anos, é professor aposentado e convidado da UERGS, segundo seu currículo *lattes*, tem doutorado em matemática e leciona disciplinas como cálculo para graduação e pós-graduação. A entrevista foi realizada no dia 18/05/23 pela plataforma *google meet* e durou 44min25seg. O professor R.R.B. ministra aulas presenciais com auxílio da plataforma *moodle* e está em licença-saúde.

A quinta entrevistada (T.B.R.) tem 32 anos, é professora do idioma inglês, segundo a própria entrevistada – pois não tem currículo *lattes* cadastrado –, tem graduação em relações internacionais e leciona a disciplina de inglês básico a avançado, inclusive pela plataforma superprof. A entrevista foi realizada no dia 19/05/23 pela plataforma *zoom* e durou 30min23seg. A professora T.B.R. atua como professora de idiomas e essa atividade é sua principal ocupação.

O sexto entrevistado (U.F.F.) tem 61 anos, é professor estadual e tutor da UAB, segundo seu currículo *lattes*, tem doutorado em história e leciona disciplinas de história para o ensino médio e para a graduação. A entrevista foi realizada no dia 19/05/23 pela plataforma *google meet* e durou 59min26seg. O professor U.F.F. atua como professor de história, esta é sua principal ocupação e ministra aulas presenciais em escola estadual e no pólo da UAB de Sapiranga como tutor, inclusive com assistência virtual.

A sétima entrevistada (N.R.N.J.) tem 67 anos, é professora estadual aposentada e professora da UAB, segundo seu currículo *lattes*, tem mestrado em história e leciona disciplinas de história para a graduação. A entrevista foi realizada no dia 25/05/23 pela plataforma *google meet* e durou 41min32seg. A professora

N.R.N.J. atua como tutora e professora conteudista na UAB em vários pólos do interior do estado e utiliza ferramentas digitais para contato permanente com alunos.

A oitava entrevistada (T.C.R.) tem 30 anos, é professora do idioma espanhol e, segundo seu currículo *lattes*, tem graduação em gestão ambiental. A entrevista foi realizada no dia 25/05/23 pela plataforma *google meet* e durou 16min05seg. A professora T.C.R. leciona espanhol para alunos particulares, inclusive selecionados pela plataforma superprof.

A nona entrevistada (L.M.C.) tem 54 anos, é professora municipal e tutora da UAB e, segundo seu currículo *lattes*, tem especialização em educação. A entrevista foi realizada no dia 02/06/23 pela plataforma *google meet* e durou 25min22seg. A professora L.M.C. atua como docente da educação infantil em uma escola municipal de Gramado e como tutora do curso de história no pólo da UAB de Gramado, inclusive com assistência virtual.

O décimo entrevistado (T.M.S.) tem 39 anos, é facilitador da plataforma Inova/RS, segundo seu currículo *lattes*, tem doutorado em biotecnologia e promove atividades de educação em empreendedorismo. A entrevista foi realizada no dia 26/06/23 pela plataforma *google meet* e durou 44min19seg. O professor T.M.S. realiza aulas, palestras e atividades de fomento ao empreendedorismo a partir de um programa do governo do estado que atua na educação de empresários e agentes sociais.

A décima primeira entrevistada (D.M.) tem 34 anos, é professora do idioma inglês, segundo seu currículo *lattes*, tem mestrado em letras e cultura e presta serviços como professora do idioma inglês pela plataforma CNA. A entrevista foi realizada no dia 30/06/23 pela plataforma *google meet* e durou 20min21seg. A professora D.M. atua como professora de idiomas e essa atividade é sua principal ocupação.

A décima segunda entrevistada (B.M.B.) tem 38 anos, é professora adjunta da UERGS e foi tutora da UAB por cerca de dois anos, segundo seu currículo *lattes*, tem doutorado em administração e experiência tanto como tutora da UAB quanto como conteudista da plataforma Saga. A entrevista foi realizada no dia 06/07/23 pela plataforma *google meet* e durou 45min34seg. A professora B.M.B. ministra aulas presenciais de administração com auxílio da plataforma *moodle* e teve durante a

formação sólida experiência no contato com diferentes espécies de plataformas digitais.

A décima terceira entrevistada (F.F.) tem 47 anos, é professora dos idiomas inglês e espanhol, segundo a própria entrevistada – pois não tem currículo *lattes* cadastrado –, tem graduação em administração de empresas e presta serviços como professora do idioma inglês pela plataforma CNA. A entrevista foi realizada no dia 11/07/23 pela plataforma *zoom* e durou 29min20seg. A professora F.F. atua como professora de idiomas e essa atividade é sua principal ocupação.

O décimo quarto entrevistado (J.L.A.J.) tem 38 anos, é professor substituto do IFRS, foi tutor da UAB por dois anos (quatro disciplinas) e, segundo seu currículo *lattes*, tem doutorado em antropologia social. A entrevista foi realizada no dia 12/07/23 pela plataforma *google meet* e durou 24min14seg. O professor J.L.A.J. ministra aulas presenciais de sociologia e antropologia para ensino médio e graduação e atuou como tutor da UAB como uma atividade de complementação da renda das bolsas de mestrado e doutorado.

A décima quinta entrevistada (N.A.B.) tem 33 anos, é coordenadora de aprendizagem e atendimento docente na UFCSPA e tutora da UAB e, segundo seu currículo *lattes*, tem mestrado em antropologia social. A entrevista foi realizada no dia 12/07/23 pela plataforma *google meet* e durou 34min10seg. A professora N.A.B. atua como tutora da UAB como uma atividade de complementação de renda.

Quadro 1: Perfil dos professores plataformizados.

Nº	Iniciais	Data	Plataforma	Idade	Formação
1	A.D.R.	22/03/23	não	44	ciências da computação
2	E.K.M.O.	30/03/23	Conley University	42	letras
3	A.P.R.	16/05/23	superprof	35	relações internacionais
4	R.R.B.	18/05/23	não	85	engenharia
5	T.B.R.	19/05/23	superprof	32	comércio internacional
6	U.F.F.	19/05/23	UAB	61	história
7	N.R.N.J.	25/05/23	UAB	67	história
8	T.C.R.	25/05/23	superprof	30	gestão ambiental

9	L.M.C.	02/06/23	UAB	54	pedagogia
10	T.M.S.	26/06/23	Inova	39	engenharia
11	D.M.	30/06/23	CNA	34	letras
12	B.M.B.	06/07/23	UAB/Saga	38	administração
13	F.F.	11/07/23	CNA	47	administração
14	J.L.A.J.	12/07/23	UAB	38	ciências sociais
15	N.A.B.	12/07/23	UAB	33	ciências sociais

Fonte: elaboração própria, a partir da pesquisa empírica.

Como se pode observar nas descrições de cada entrevistado, a primeira e o quarto entrevistados são professores que não prestam trabalho por plataformas, ou seja, não pertencem ao perfil buscado na pesquisa, pois apenas usam ferramentas digitais (*moodle*) para ministrar aulas, pelo que seus dados não serão utilizados para comparações. Isso se deveu, possivelmente, à falta de filtro prévio suficiente por parte do pesquisador, porquanto o contato e o convite foram feitos permitindo que os entrevistados acreditassem que suas atuações apenas com o uso de ferramentas digitais se enquadrariam no objeto da pesquisa. Apesar da pouca experiência do pesquisador, a partir da quinta entrevista, isso não se repetiu, o que indica que a desenvoltura foi sendo adquirida com a prática. A prática pela repetição do procedimento (entrevista) foi aumentando a conexão com os entrevistados (*rapport*) e a fluidez das conversas. Outro aspecto que evoluiu foi o tempo de entrevistas, já que havia um roteiro prévio de perguntas e o tempo médio de entrevistas foi diminuindo na medida em que o pesquisador otimizou as abordagens e o encadeamento dos temas.

Todas as entrevistas foram realizadas virtualmente e a plataforma foi a de preferência dos entrevistados. Apesar de a maioria escolher o uso da ferramenta google *meet*, duas entrevistadas preferiram a ferramenta *zoom*, o que não interferiu na dinâmica ou nos resultados das entrevistas, sendo um aspecto aparentemente aleatório. Coincidentemente, as entrevistadas que escolheram a ferramenta *zoom* não possuíam cadastro de currículo *lattes* (Diretório do CNPq), o que indica uma menor proximidade com as práticas típicas do ambiente acadêmico (ambas

professoras de idiomas), porém não interfere nas suas condições de professoras trabalhando por plataformas digitais.

Em que pese a minoria dos entrevistados tenha se identificado com o gênero masculino (apenas 4 de 15), as formas de convite para entrevista foram muito variadas para identificar um padrão e não permitiriam concluir que o gênero seja um dado de caráter explicativo sobre o problema em pauta, considerando o perfil da amostra dos entrevistados neste estudo.

Já a idade é um aspecto digno de análise. Entre os entrevistados validados, as idades são de 32 a 67 anos e a média é de 42,3 anos (550/13). A média de idade das professoras de idiomas é mais baixa e os entrevistados com idade mais elevada são tutores da UAB, o que indica que são admitidos professores pela UAB por um critério objetivo (editais para contratação) que não filtra os candidatos por este quesito. Ainda, a necessidade na iniciativa privada de maior autonomia na gestão das atividades e no uso de ferramentas digitais pode ser um fator que explique a prevalência de professores com média de idade mais baixa. O grau de instrução é um dado que parece atrelado à idade, mas, principalmente, à exigência de qualificação para o ingresso na carreira ou desempenho da função. Isso porque a iniciativa privada – e, especialmente, o trabalho por meios telemáticos – costuma fazer seleções de trabalhadores por características específicas, dentre as quais a habilidade de manejo de recursos tecnológicos, o que conduz a candidatos mais jovens, embora todos com nível superior. Há relatos como da terceira e da décima primeira entrevistadas de que as plataformas são acessíveis para a inscrição de qualquer interessado, porém, há uma seleção informal a partir do histórico de vida (viagens) e de estudo de cada candidato a professor, sendo feito um *rankeamento*. Como há situações de seleção de trabalhadores por mera inscrição e sem contratação do trabalho em si, a plataforma não estabelece o preço das tarefas ou remunera os professores, mas permanece em um papel indispensável à prestação de trabalho, especialmente pela oferta – com mais ou menos destaque de algum profissional – aos destinatários do trabalho que são os alunos (público-alvo). As plataformas privadas, muitas vezes, servem apenas como aproximação de pessoas, embora haja a figura do professor conteudista, que sequer sabe quem será o público-alvo de seu trabalho (como relatado pela décima segunda entrevistada –

professora B.M.B – ao dizer que “era como se fosse uma fábrica porque eu simplesmente fazia mas não sabia nem o uso que estava sendo dado”) e perde o controle autoral de sua produção intelectual, situação na qual a plataforma digital detém um papel de gestão mais relevante.

Embora tenham se verificado casos específicos – e interessantes –, pode-se dizer que os dois grandes grupos de entrevistados são os tutores que atuam na UAB e as professoras de idiomas que estão no mercado da EAD (seis entrevistados em cada grupo), os quais envolvem as questões em pauta na análise sociológica, pelo que essa distinção merece análise em um tópico específico.

3.2 FORMAS DE VÍNCULO DOCENTE A PLATAFORMAS DIGITAIS

A partir dos dados coletados nas entrevistas de professores, se faz necessária a descrição mais específica das condições de trabalho – e de contratação – dos tutores que atuam na UAB e das professoras de idiomas que estão no mercado da EAD. A comparação entre entrevistados que prestaram trabalho como tutores da UAB e como professores em outras plataformas merece uma análise particular, independentemente de existir uma ocupação principal diversas das plataformas.

Dos 13 entrevistados, 6 são ou foram professoras de idiomas em plataformas digitais privadas. Pertinente reiterar que não se trata meramente do uso de ferramentas telemáticas, mas da presença de plataformas digitais para contratação ou execução do trabalho. Foram citadas para a prestação de trabalho de professor de idiomas as plataformas *Conley University*, *superprof* e *CNA*. Cada uma destas três empresas possui um perfil distinto, mas todas se enquadram na modalidade de plataformas digitais que conduzem a uma prestação de trabalho que não aconteceria sem a presença desta figura intermediando ou gerindo a atividade laboral destinada a estudantes universitários adultos. As professoras de idiomas, na maioria, manifestam a intenção de continuar nesta atividade como uma carreira.

Quadro 2: Trajetória profissional.

<u>Nº</u>	<u>Iniciais</u>	<u>Plataforma</u>	<u>Formação</u>	<u>Razão atuação</u>	<u>Motivação</u>
2	E.K.M.O.	Conley Univ	letras	oportunidade	carreira

3	A.P.R.	superprof	relações intern	oportunidade	complem.renda
5	T.B.R.	superprof	comércio intern	oportunidade	carreira
6	U.F.F.	UAB	história	oportunidade	currículo
7	N.R.N.J.	UAB	história	oportunidade	complem.renda
8	T.C.R.	superprof	gestão ambient	necessidade	complem.renda
9	L.M.C.	UAB	pedagogia	demanda	currículo
11	D.M.	CNA	letras	demanda	carreira
12	B.M.B.	UAB	administração	necessidade	currículo
13	F.F.	CNA	administração	demanda	carreira
14	J.L.A.J.	UAB	ciências sociais	oportunidade	currículo
15	N.A.B.	UAB	ciências sociais	necessidade	complem.renda

Fonte: elaboração própria, a partir da pesquisa empírica.

Observando a trajetória profissional descrita no quadro acima, a maior parte (6/12 – metade) atuou em plataformas por surgir a oportunidade de tal prestação intermediada, sendo que demanda e necessidade foram citadas como razões menos frequentes, o que indica que a necessidade de trabalho (que seria um indicativo de precariedade) não é um fator preponderante. Já em relação à motivação dos agentes, a minoria (4/12) visualiza uma forma de carreira nesta forma de trabalho, ou seja, um dos indicativos cogitados nas hipóteses da pesquisa não encontram correspondência no campo. Juntamente com a possibilidade de carreira, foram citadas motivações de complementação de renda (4/12) e currículo (4/12). A complementação de renda significa que há outra fonte financeira e aponta para uma situação transitória e até “compulsória” em razão do contexto e ação dos agentes, sendo uma alternativa de trabalho para um momento específico de vida. Já o enriquecimento de currículo indica a existência de trabalhadores em formação ou pretendendo galgar postos mais atraentes a partir de uma fase de acumulação de experiências comprováveis com plena consciência de que suas escolhas definem sua realidade e suas chances profissionais.

A professora E.K.M.O. (segunda entrevistada) relatou que a *Conley* se trata de uma universidade americana (no Havaí) que capta professores em todo mundo para ensinar o idioma inglês à distância, ou seja, a própria trabalhadora menciona que

“nunca estive no Havaí, que é onde é a sede, já estive nos Estados Unidos, mas nunca no Havaí, toda a minha contratação foi feita *online*”, sendo que a plataforma faz a aproximação com os alunos e também fornece o material didático e as diretrizes pedagógicas. A professora E.K.M.O. (segunda entrevistada) foi selecionada pela plataforma da universidade pelo seu perfil no *linkedin* e destacou que se sente valorizada por poder desempenhar seu mister de forma compatível com sua formação (graduação em letras, mestrado em educação e experiência na docência) com remuneração em alto patamar e paga em dólares, inclusive destacando que “o máximo que eu trabalho por semana são 40 horas e esse é o objetivo, trabalhar 40 horas remotamente”. As professoras A.P.R., T.B.R. e T.C.R. (terceira, quinta e oitava entrevistadas, respectivamente) tiveram experiências pela plataforma superprof, que atua de maneira mais distante, ou seja, apenas cooptando pessoas dos dois lados da relação de trabalho e as aproximando, sequer estipulando o valor do trabalho, embora faça sugestões, como referido pela professora A.P.R. ao lembrar que “eles me indicam, assim, de repente faz um pacote de desconto”. As professoras se inscrevem na plataforma digital, há um questionário que as enquadra em um *ranking* que serve como propaganda para a escolha pelos alunos (vitrine) e, depois de feita a aproximação, não há pagamento pela plataforma ao docente, tampouco do docente à plataforma. Inquirida a respeito do lucro do serviço da plataforma, a professora T.B.R. frisou que “eu não pago absolutamente nada para essa plataforma”, sendo presumível que a plataforma cobra alguma comissão dos alunos que acessam o aplicativo à procura do serviço de ensino. A professora A.P.R. esclarece que “o superprof é uma ferramenta fácil de entrar para captar alunos... sem desespero de precisar, tipo, essa não é a minha fonte de renda, mas, se aparecer alguém, eu posso tentar encaixar para continuar dando aula”. Já sobre a remuneração, a professora T.C.R. relata que “não tinha um padrão da plataforma, não oferecia um parâmetro, era o professor mesmo que determinava. Então, eu calculava com base no que eu via de outros professores ali, né, e fazia uma média”. Interessante mencionar a visão da professora A.P.R. sobre sua (não) identidade como professora:

... o professor de inglês, ele é um professor, não é um professor, na verdade, não sei se isso faz sentido, é claro, é igualzinho a um professor, mas quando tu é contratado, por exemplo, a gente chama professor, tudo, chama *teacher*, mas quando tu é contratado por uma escola de inglês, ele não é um cargo de professor, é instrutor de cursos livres. O que isso quer dizer? Quer dizer que eu não preciso ter uma formação em inglês, que eu não preciso ter feito a licenciatura em letras, basta eu ter alguma

experiência em inglês, saber falar inglês, eu tive a oportunidade de morar fora.

A professora T.B.R., que também não tem formação pedagógica, ilustra bem essa identidade fluida do professor em plataformas:

...eu acabei optando por deixar o emprego e seguir fazendo aquilo que eu gosto. Hoje eu trabalho para mim mesma, não estou vinculada a nenhuma instituição ou escola, eu trabalho para mim mesma e não me arrependo deste passo que eu dei, é um passo arriscado, às vezes a gente fica com medo de tomar uma atitude assim, mas, para mim, foi muito bom. Eu tô realizada com esse passo que eu dei.

As professoras D.M. e F.F. (décima primeira e décima terceira entrevistadas) são professoras da plataforma CNA, que é uma escola física de idiomas e que, a partir do período de pandemia da Covid-19, passou a atuar também como plataforma digital sem os moldes do ensino presencial tradicional. Ambas as entrevistadas foram professoras no formato presencial e optaram por migrar para uma contratação mais flexível, na qual recebem os contatos dos alunos e agendam seus horários seguindo as diretrizes pedagógicas da escola e conseguindo um acréscimo remuneratório em relação ao recebido antes da pandemia. A professora D.M. manifesta que “a escola de idiomas nunca vai remunerar tão bem quanto você fazendo seu preço como professor particular” para justificar que “eu pretendo ficar nesse formato, eu fazendo o meu trabalho... eu me sinto muito mais valorizada com certeza”. Ainda, a professora D.M. refere sua preferência pelo perfil de alunos oferecidos pela plataforma, pois “com adultos, tá ali porque quer, porque precisa, separou um tempo para isso, a gente vê as coisas fluírem melhor”. A professora F. F. complementa que “a minha quantidade de aulas aumentou imensamente usando essa plataforma depois da pandemia”. As professoras de idiomas da plataforma superprof nada recebem de ajuda e as das plataformas Conley e CNA têm recursos facilitados por ferramentas fornecidas pelas plataformas digitais.

Quadro 3: Reflexividade dos agentes.

<u>Nº</u>	<u>Iniciais</u>	<u>Plataforma</u>	<u>Interações</u>	<u>Recursos</u>	<u>Regras</u>
2	E.K.M.O.	Conley Univ	exclusiva remota	facilitados	flexíveis
3	A.P.R.	superprof	exclusiva remota	nenhum	aproximação

5	T.B.R.	superprof	exclusiva remota	nenhum	aproximação
6	U.F.F.	UAB	remota e pessoal	fornecidos	edital
7	N.R.N.J.	UAB	remota e pessoal	fornecidos	edital
8	T.C.R.	superprof	exclusiva remota	nenhum	aproximação
9	L.M.C.	UAB	remota e pessoal	fornecidos	edital
11	D.M.	CNA	remota e pessoal	facilitados	transição
12	B.M.B.	UAB	exclusiva remota	fornecidos	edital
13	F.F.	CNA	remota e pessoal	facilitados	transição
14	J.L.A.J.	UAB	remota e pessoal	fornecidos	edital
15	N.A.B.	UAB	exclusiva remota	fornecidos	edital

Fonte: elaboração própria, a partir da pesquisa empírica.

Em relação à reflexividade, um ponto-chave é o fornecimento de recursos por parte da plataforma e a existência ou “imposição” de regras para a relação com alunos. A maioria dos docentes têm recursos facilitados ou fornecidos (9/12) pela plataforma, o que pode ser uma atratividade para os agentes optarem pelo uso de tecnologias disponíveis. Pode-se falar em um grau de autonomia do docente, porém, a quebra de contato pessoal ou proximidade entre as pessoas é um fator relevante para avaliar a rotina – e as chances – profissionais do agente. A plataforma, mesmo quando há propriedades estruturais flexíveis de contratação, do ponto de vista contratual (como se fosse uma relação de consumo), se enquadra em contratos de adesão a uma moldura do labor.

Ainda, dos 13 entrevistados, 6 são ou foram professores ou tutores pela UAB (Universidade Aberta do Brasil)¹, que é um sistema instituído pelo Decreto 5.800/06 para aproximar o ambiente universitário da população, ou seja, difundindo o ensino superior pelo interior do país por pólos locais de apoio presencial que têm convênios com universidades públicas de grandes centros urbanos, o que proporciona capilaridade de acesso ao ensino superior em localidades distantes das sedes das instituições públicas. Os professores são contratados mediante inscrição a partir de editais regularmente publicados para períodos determinados que preveem

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/uab>. Acesso em 10 out. 2023.

remuneração através de bolsa-auxílio em valor fixo com seleção por critérios de análise de currículo. Segundo o art. 4º da Instrução Normativa 02/17 do DED/CAPES, a UAB prevê bolsas para coordenador, tutor, professor formador e professor conteudista. Atualmente, segundo editais abertos em 2023, a bolsa para tutor UAB de 20 horas semanais é de R\$ 1.100,00². Na prática, os professores formadores são os responsáveis, principalmente, pelo planejamento e execução das aulas; os professores conteudistas são os que confeccionam o material de estudo; e os tutores são os que prestam assistência direta aos alunos. O sexto e a décima quinta entrevistados destacam que sua atuação envolve, principalmente, esclarecer dúvidas de alunos e corrigir tarefas avaliativas e a sétima entrevistada menciona que, apesar da contratação de 20 horas semanais, a demanda de alunos é permanente por grupos de *whatsapp*, mormente porque a mesma disciplina é ministrada simultaneamente para vários pólos, o que multiplica o número de alunos atendidos. A professora N.R.N.J. (sétima entrevistada) giza que “essa é uma das coisas que eu acho extremamente importante, que é um dos princípios da UAB. É a democratização, a interiorização”. Ainda, a sétima entrevistada foi tutora por vários contratos sucessivos até ser admitida como professora formadora, ficando responsável por uma disciplina específica. Outra informação mencionada pelos entrevistados é de que há tutores contratados para auxiliar os professores formadores e há tutores contratados para assistência específica aos alunos de cada pólo de apoio presencial, ou seja, há mais de uma modalidade de tutor da UAB, dependendo dos termos do edital. O décimo quarto entrevistado ressaltou que o período de tutoria não foi aceito como tempo de experiência docente para fins de concursos públicos, que na época em que foi tutor concomitante ao mestrado e ao doutorado havia dúvida acerca da incompatibilidade das bolsas de estudo e que conseguiu computar algum tempo de experiência no concurso público para o IFRS por ser aceito como orientador em atividades de trabalho de conclusão de curso de alunos. O professor J.L.A.J. sentencia: “tutoria não é experiência docente, tu não planeja a disciplina. Tu pode conversar, tem professor mais aberto, tem professor menos aberto, mas tutoria é uma função para aproximar e qualificar o ensino EAD”. Esse

² Disponíveis em: <https://processoseletivo.nte.ufsm.br/edital/93-uab-tutor-edcampo-2023> e <https://www.ufrgs.br/licenciaturainglesead/edital-de-selecao-da-equipe-tutor-no04-2023/>. Acesso em 10 out. 2023.

é um aspecto que envolve a atratividade da atividade para novos tutores que almejem a função.

Quadro 4: Carreira dos entrevistados.

<u>Nº</u>	<u>Iniciais</u>	<u>Plataforma</u>	<u>Continuidade</u>	<u>Expectativas</u>
2	E.K.M.O.	Conley Univ	planeja permanência	manutenção da condição
3	A.P.R.	superprof	atividade transitória	complemento de renda
5	T.B.R.	superprof	planeja permanência	manutenção da condição
6	U.F.F.	UAB	atividade transitória	currículo para concursos
7	N.R.N.J.	UAB	planeja renovações	manutenção da condição
8	T.C.R.	superprof	atividade transitória	complemento de renda
9	L.M.C.	UAB	planeja renovações	complemento de renda
11	D.M.	CNA	planeja permanência	manutenção da condição
12	B.M.B.	UAB	atividade transitória	complemento de renda
13	F.F.	CNA	planeja permanência	manutenção da condição
14	J.L.A.J.	UAB	planeja renovações	complemento de renda
15	N.A.B.	UAB	atividade transitória	complemento de renda

Fonte: elaboração própria, a partir da pesquisa empírica.

Sobre os tutores da UAB, um aspecto curioso é o fato de que a metade deles (3/6) planejam renovar o vínculo, mesmo se tratando de uma contratação com prazo determinado por edital e remunerada por bolsa (sem natureza salarial para fins trabalhistas e previdenciários). Isso indica que o fato social contraria o que seria intuitivo no senso comum de que é sempre uma atividade transitória, já que uma renovação sucessiva de contratos temporários remunerados por bolsa se revela uma alternativa de trabalho no contexto de ação dos agentes envolvidos a partir das mudanças no âmbito da educação. E, ainda, sobre plano de carreira dos entrevistados, mais da metade (7/12) planeja a permanência na docência em plataformas em oposição ao que apareceu no quadro 2, no qual apenas quatro indicaram ser uma opção de carreira. A reflexividade mostrada pelos agentes neste

aspecto relação tanto com suas motivações quanto com o estágio na carreira, já que há fatores de etários e de formação envolvidos.

Fato é que o sistema UAB é uma forma de trabalho disponível a professores com currículo acadêmico suficiente para uma seleção simplificada e que os trabalhadores consideram uma forma de ingresso na carreira docente e de complementação de renda, porém, não como uma carreira promissora ou principal ocupação, até porque são contratos administrativos de curto período. Esta forma de contratação (tutores da UAB) merece estudos acerca da organização de trabalho para tornar a atividade mais atraente aos ingressantes. Já as entrevistadas que são professoras de idiomas se dividem, pois as mais jovens (metade) consideram o trabalho como algo transitório para complementar renda, enquanto as mais experientes consideram a principal ocupação e com uma perspectiva de carreira, assim entendida a atividade que pretendem seguir pelo resto da vida.

3.3 CASOS PARTICULARMENTE RELEVANTES

A partir da coleta de dados em campo e alinhado aos objetivos e hipóteses traçados, foi possível destacar achados de pesquisa. Além de duas tipologias identificáveis pela maioria dos entrevistados (tutores que atuam na UAB e professoras de idiomas que estão no mercado da EAD), podem ser identificadas três situações peculiares a partir das entrevistas. Embora advindas de uma entrevista cada, são casos representativos de fatos relevantes acerca do objeto da pesquisa, porquanto demonstram como se dá a dinâmica das relações de trabalho, embora não se tenha tido acesso a outros trabalhadores nas mesmas condições em razão da abrangência da amostra e da dificuldade de acessar outros professores nas mesmas plataformas.

A segunda entrevistada (E.K.M.O.), embora seja professora do idioma inglês como várias outras entrevistadas, atua em uma plataforma em formato diferente, ou seja, é de uma universidade norte-americana que recruta trabalhadores pelo mundo para prestar serviços educacionais a pessoas distantes, ou seja, é uma triangulação de uma relação intermediada totalmente pelos meios telemáticos. A professora E.K.M.O. tem formação acadêmica específica na área (graduação em letras e mestrado em educação) e experiência como docente na educação básica por

concurso público, porém, revela uma especial satisfação com o trabalho por plataforma digital, considerando esta a sua principal ocupação e que “é um mercado que vai ganhar sempre mais adeptos”. O recrutamento foi feito a partir do perfil na plataforma *LinkedIn Corporation* e os envolvidos, quais sejam, o trabalhador, a plataforma digital da universidade e destinatário final do serviço (aluno) não têm contato presencial por estarem em locais muito distantes. A professora E.K.M.O. tem plena consciência de sua condição trabalhadora autônoma e aprecia tal relação com a intermediária do trabalho, inclusive cita que não pretende manter o vínculo por concurso público por muito tempo, pois mora em uma pequena cidade do interior do estado (São Francisco de Paula) e pretende migrar para algum local com melhores condições, porém mantendo o vínculo de trabalho com a plataforma da Conley. Esta entrevistada revela uma especial satisfação com o uso de ferramentas digitais, com a relação com uma organização universitária que lhe proporciona flexibilidade na prestação de trabalho e que lhe remunera em dólares e em alto patamar para a profissão. Trata-se de uma profissional que se sente valorizada neste trabalho por plataformas digitais e que se adapta bem a um perfil que exige habilidades de adaptação, atualização constante e motivação própria. A plataforma, além de indicar alunos para a trabalhadora, fornece suporte técnico com acesso a funcionalidades da própria universidade e a assinatura avançada de ferramentas como o *zoom*, assim como organização de agenda e controle do trabalho prestado por *softwares* específicos. A professora E.K.M.O. revela uma tipologia própria dentre os entrevistados porque é uma profissional que presta um serviço semelhante a outras entrevistadas (ensino de idioma) e, ainda assim, mostra como é possível um trabalho qualificado sem qualquer contato presencial, com plena consciência e satisfação em tal labor e que proporcione um patamar socioeconômico condizente com a formação da professora como principal ocupação e não como mera complementação de renda.

O décimo entrevistado (T.M.S.) é um profissional que desempenha a atividade de educador social para fomentar o empreendedorismo a partir de um programa do governo do estado. O programa Inova³ recruta profissionais com título de doutor e com alguma experiência em pesquisa para aproximar atores sociais de ambientes

³ Disponível em: <https://programainova.rs.gov.br/inicial>. Acesso em 14 out. 2023.

que estimulem o empreendedorismo. O professor T.M.S. desenvolve atividades no interior do estado (na região de Santa Cruz do Sul) e aproxima atores sociais que possam realizar negócios, ensinando tecnologias que possam otimizar a produção, organizando eventos que possam contribuir para o empreendedorismo e difundindo informações úteis aos atores sociais que precisem de suporte técnico na atividade empresarial. Trata-se de uma plataforma digital que se insere em um campo que considera a educação como mais ampla do que os ambientes de ensino em escolas ou universidades, pois é um programa governamental que se “infiltra” na sociedade civil para induzir um ambiente de negócios próspero, todavia, baseado em um modelo específico de governança adaptado ao ambiente formalizado (*compliance*), até por ter suporte financeiro a partir de recursos públicos. A prestação se dá por contratos a prazo determinado (semelhantes à UAB) que podem ser renovados a partir do interesse da administração pública, que disponibiliza novos contratos, e do profissional, que se inscreve para novos períodos, tudo vinculado à continuidade do programa Inova RS, pois exige previsão legal como todos os atos administrativos sujeitos ao crivo da burocracia estatal. Sobre projeção de futuro profissional, o professor T.M.S. não manifesta definições e apenas destaca que “hoje eu estou aproveitando todo esse conhecimento de gestão, que eu não tinha isso. Fazer gestão de grupos de pessoas é bem desafiador para mim”. Além de ser um programa governamental que, no conjunto, atua na educação social, propicia uma gama de eventos direcionados ao empresariado, admitindo que o educador social, como o professor T.M.S., dentro de sua área de atuação, apresente projetos específicos de autoria individual que sejam convergentes com os objetivos do programa, o que pode receber incentivo financeiro do programa Inova para a realização, sendo citado, como exemplo, uma feira de empreendedorismo na região. O professor T.M.S. atua em uma equipe de três educadores sociais na mesma região que, embora tenham autonomia e realizem o mesmo trabalho naquela delimitação geográfica, mantêm contato permanente para troca de experiências e eventual realização de atividades em conjunto. O professor T.M.S. esclarece que “tem mais dois colegas que dão suporte e atendem às demandas... e a gente compartilha um cronograma de alto nível semanal”. Este profissional revela uma tipologia própria por se tratar de um professor que trabalha a partir de uma plataforma digital administrada pelo governo do estado e pela autonomia do trabalhador na realização dos objetivos do programa, sendo um agente educador

multiplicador de um modelo empresarial pretendido pelo governo, porém com uma formação multidisciplinar, ou seja, foi selecionado pela valorização do grau de instrução sem a exigência de um campo específico do conhecimento, mais por um perfil de profissional com história de pesquisa e de educador receptivo a propostas flexíveis de interação com as pessoas.

A décima segunda entrevistada (B.M.B.) é professora universitária concursada que trabalhou como tutora da UAB e como conteudista da plataforma Saga, uma empresa privada de produção de conteúdo educacional. Foi encontrada para o convite da entrevista por ser professora concursada de uma universidade pública (UERGS), entretanto teve experiências diversas com plataformas durante sua formação no mestrado e no doutorado, o que a qualifica para o objeto da pesquisa. Sua experiência como tutora da UAB foi durante o mestrado e não muito diferente da maioria dos outros entrevistados atuantes nesta mesma função, ou seja, era motivada pela complementação de renda e desempenhava atividades repetitivas de assistência a alunos e correção de tarefas avaliativas. A professora B.M.B. narra que “na tutoria UAB eu era mestranda, eu recebia material pronto, eu copiava e colava na plataforma, não tinha como criar nada... era algo muito mecânico, porque já tinha tipo uma SAC, as perguntas frequentes que os alunos poderiam fazer e a gente já tinha as respostas ali prontas”. Já na empresa Saga, que é uma típica plataforma privada de produção de conteúdo educacional, a professora B.M.B. atuou durante o doutorado e a motivação financeira adquiriu outros contornos, já que foi referido que a remuneração era muito elevada. A professora B.M.B. sempre estudou e atuou na docência em disciplinas relativas ao curso de administração, embora destaque que os papéis desempenhados na UAB, na Saga e na UERGS sejam muito distintos. Um aspecto particular desta docente foi a narrativa de que já como professora universitária concursada, recebeu vários contatos de estudantes mencionando que foram seus alunos e ela não tinha ideia de onde ou quando, já que eram estudantes de outros estados da Federação. Após alguma investigação, descobriu que eram clientes de cursos (inclusive universitários) que utilizavam o material produzido na época da Saga, ou seja, há mais de dez anos e ainda sendo utilizados como fonte de ensino. A professora B.M.B. manifestou uma preocupação com o aspecto acadêmico e ético, especialmente pelo fato de que o material conteria conteúdos ultrapassados pelo tempo e ainda seriam usados como “verdade” e usando sua imagem.

...com aluno é totalmente diferente do que tu produzir um conteúdo em massa para um Brasil inteiro que eles iam usar tanto na enfermagem, quanto na arquitetura ou na administração, então, eu não sabia o foco e eu me sentia também meio mão de obra porque eu nem sei para quem eu estou falando. Então, hoje em dia, quando um aluno me procura e diz que foi meu aluno eu me arrepio. Será que o que eu tô falando eu nem sei se eu concordo com aquilo ali. A partir do momento que eu gravava aquele vídeo e eles me pagavam, eles têm o direito de usar porque eu assinei. Pelo resto da vida.

Evidentemente que a profissional assinou autorização de uso de imagens e conteúdo e está consciente disso, porém relata desconforto com a repercussão que não a preocupou na época da produção das aulas gravadas. Este é um aspecto curioso e relevante nesta forma de prestação de trabalho: a desconexão total entre o professor e o aluno, adquirindo a plataforma um papel singular de intermediação do conteúdo produzido e de difusão para uso no tempo e espaço que, embora esclarecido ao professor de forma lícita quando da cessão dos direitos de imagem, pode ter reflexos futuros imprevisíveis e até indesejáveis. Trata-se, sobremaneira, de uma tipologia de profissional que presta um trabalho qualificado com elevada remuneração porque o produto do labor pode render muito dinheiro por ser usado em vários cursos, em vários lugares, por muito tempo, com um efeito multiplicador comum na *gig economy*.

Um aspecto digno de nota é a menção de que as duas plataformas privadas (Conley e Saga) foram citadas como de elevada remuneração para o prestador do serviço. A informação acerca de valores específicos era sensível para ser perguntada e as entrevistadas sempre diziam que era variável e difícil de estimar. Mesmo que se cogite que isso possa ser uma impressão subjetiva das entrevistadas sem parâmetro de comparação, a professora B.M.B., antes da plataforma Saga, foi tutora da UAB (a qual é remunerada por bolsa com valor publicado de R\$ 1.100,00) e, após, passou no concurso público para uma universidade pública (UERGS), tendo parâmetros concretos de valores remuneratórios do trabalho, o que descarta a hipótese de que a discrepância de valores seja algo desprezível. O trabalho em plataformas digitais não é definido pela remuneração, no entanto, um dos objetivos específicos da pesquisa é avaliar a inserção profissional, o que exige que se defina a atratividade remuneratória e as opções disponíveis “no mercado” para novos

professores que pretendam prestar trabalho por plataformas digitais. Esses aspectos particulares das trajetórias podem subsidiar elementos para a elaboração de uma tipologia mais ampla e consistente que problematize a remuneração em plataformas privadas a partir de pesquisas que deem continuidade ao estudo das mudanças que ocorrem no perfil dos profissionais e no sistema de educação superior, já que, na presente pesquisa, o acesso a professores com este perfil foi limitado tanto pelo tempo quanto pela dificuldade de encontrar tais entrevistados que não têm conexão com colegas.

Descritos e analisados os casos específicos, foram identificados dois grandes grupos (tutores que atuam na UAB e professoras de idiomas que estão no mercado da EAD) que revelam padrões e três situações específicas (Conley, Inova e Saga) que permitem identificar formas de trabalho por plataformas digitais. Nas plataformas privadas, foram entrevistadas a professora altamente qualificada que trabalha para universidade estrangeira, o educador social que atua no fomento de programa governamental e a professora que produziu conteúdo para uma plataforma privada que vendeu o material com efeito multiplicador de cursos remotos. Embora não tenha sido fácil acessar outros profissionais nestas situações específicas, isso não desqualifica a importância dos casos achados dentre os 15 entrevistados. As plataformas digitais privadas criam uma condição de isolamento entre os profissionais que dificulta o contato com colegas, assim como obter contatos a partir dos entrevistados para novos candidatos a prestar informações sobre suas experiências.

Quadro 5: Tipologia de professores plataformizados.

Plataforma	Natureza	Situação	Condição	Características
UAB	pública	abrangente	compartilhamento	tarefas prescritas
idiomas	privada	abrangente	isolamento	autonomia para finalidade
Inova	pública	específica	compartilhamento	exigência de iniciativa
Saga	privada	específica	isolamento	produção de conteúdo

Fonte: elaboração própria, a partir da pesquisa empírica.

Esse quadro expressa as tipologias identificáveis a partir das entrevistas realizadas e até permite visualizar objetos possíveis para estudos futuros. As plataformas digitais privadas são um campo menos homogêneo e mais difícil de acessar, porém, indicam que há um potencial de pesquisa acerca de patamares remuneratórios e condições de trabalho que possam até revelar novas tipologias.

Identificadas tipologias específicas de trabalho por plataformas digitais, confirma-se que nem sempre há uma triangulação na prestação de trabalho com intervenção da plataforma ou uniformização de procedimentos laborais, mas sempre há três pólos indispensáveis à configuração do trabalho por plataformas digitais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de plataformação do trabalho surgiu em um ambiente social de flexibilização de diversas atividades econômicas e há evidências de que pode se ampliar entre profissionais da educação. A pesquisa de campo confirmou a hipótese inicial de que se tratam de profissionais instruídos, conscientes e motivados, o que sempre foi o discurso das plataformas digitais, todavia, em trabalhos como o de transporte de pessoas, foram confirmados elementos de precarização das condições de trabalho, o que não se pode dizer dos professores, os quais mostram um indicativo de que é possível, em determinadas naturezas laborais com profissionais qualificados, um trabalho autônomo digno. Se há um questionamento acerca da precariedade do trabalho por plataformas de transporte de pessoas como na empresa Uber, os elementos que levam a essa polêmica depois do esgotamento de um modelo massificado que passou a tratar os motoristas como peças de uma engrenagem sem proteção social não são igualmente verificados entre os professores que prestam trabalho por plataformas digitais, mesmo em plataformas como *superprof* que se assemelha ao Uber. Isso porque os docentes são profissionais com maior grau de escolarização e que atuam em atividades mais qualificadas, têm plena compreensão das condições em que o trabalho é prestado e são prestadores da atividade que escolheram livremente a partir de uma formação, ou seja, mesmo quando a motivação é a complementação de renda, não é em uma atividade para a qual não se tenham preparado ou que lhes coloque em uma situação de exploração.

Considerando os achados de pesquisa, restou profícua a investigação sobre a configuração que a profissão docente pode assumir quando realizada em plataformas digitais, pois foi possível acessar um número razoável de profissionais e com uma variabilidade representativa que indica diversidade de situações. Os fenômenos sociais envolvidos revelaram a adaptação das escolhas dos indivíduos conforme os moldes disponibilizados pelo funcionamento das plataformas digitais cuja inserção não é problemática e, no mais das vezes, uma alternativa de inserção e também de permanência em uma carreira como opção para professores de ensino de adultos de nível superior com o conteúdo que trazem consigo sem

empobrecimento do trabalho. Embora as motivações dos professores para trabalharem por meio de plataformas digitais sejam variadas, foi possível compreender que os agentes que estão construindo possibilidades para ampliar as suas oportunidades e chances de vida, tanto financeiras (imediatas), quanto de formação de currículo (mediatas), não tomam decisões de ocupação e carreira sem mobilizar seu conhecimento e reflexão sobre as mudanças na realidade em que estão imersos. As trajetórias dos entrevistados apresentaram traços comuns e condizentes com as atividades docentes desempenhadas e todos os entrevistados têm nível superior e compreensão de que a formação acadêmica é a estratégia indicada para aliar à prática docente, especialmente no manejo de recursos tecnológicos informatizados. Sobre as condições de trabalho dos professores por plataformas digitais, é necessário considerar que todas as tipologias identificadas o foram a partir de profissionais já adaptados, ou seja, a inserção profissional demanda habilidades de manejo das tecnologias da informação e comunicação que são pressupostos para a inserção na atividade docente nestes moldes e definem, sobremaneira, um mercado de trabalho flexível com pouca ou nenhuma regulação e indicado para profissionais com formação e disposição para relações desprendidas de estabilidade de carreira.

Não foi confirmada a hipótese de que as carreiras docentes em plataformas teriam predominância entre os professores mais jovens, já que mesmo as entrevistadas mais entusiastas de habilidades com tecnologias tinham a média etária (elevada) dos demais colaboradores. Também não foi possível identificar relatos de migração espontânea e definitiva para plataformas, motivada pela oportunidade de exercitar novas metodologias de ensino, tampouco relatos de habilidades com tecnologias digitais adquiridas na formação para a docência. Já em relação à complementação de renda de mestrandos e doutorandos, constata-se a prevalência deste fator como elemento de atração para o ingresso no magistério como oportunidade transitória. Por fim, a possibilidade de identificar tipologias de profissionais confirma características comuns entre os entrevistados que, de uma forma ou outra, retratam adaptações a recursos digitais.

Como cogitado desde o projeto de pesquisa, os professores que trabalham por plataformas digitais são profissionais “qualificados”, o que se pode afirmar como

característica, porquanto, mesmo os entrevistados que encaram como atividade transitória e/ou de complementação de renda, têm nível superior e consideram tal trabalho como uma oportunidade sem um “desespero” de necessidade por “qualquer” trabalho. A diferença de escolaridade desses profissionais é uma constatação que contribui para a observação do fenômeno social. Ainda, no cenário de suposta “liberdade” de contratação promovido pelas plataformas digitais, muitas vezes, os prestadores de trabalho não detêm a formação específica e, ainda assim, desempenham a atividade docente.

Embora o “modelo” de plataformas-aplicativo não seja uniforme para descrever um padrão de controle ou autonomia dos docentes e apresente uma tendência de crescimento no mercado de trabalho, não se tem suporte fático para sugerir que vá concorrer com as instituições tradicionais de ensino superior no sentido de as extinguir, parecendo se tratar de uma demanda reprimida de prestadores e usuários que difundem atividades de ensino paralelamente e fornecem alternativas tanto para professores quanto para alunos com habilidades em evolução. De qualquer forma, como esta forma de organização de trabalho envolve um regramento institucional, social e de práticas, trata de um jogo social altamente complexo e em movimento (instituições fluidas), ou seja, quaisquer conclusões ou considerações a partir de dados colhidos em um dado momento são restritos àquele contexto (tempo e espaço) e não podem ser tomados como um desfecho das plataformas que tem no seu bojo mudanças durante o processo que exigem mais atenção e estudo para além de uma fotografia.

As escolhas individuais repercutem no conjunto social (teoria dos agentes) e a escolha de aderir a plataformas digitais de trabalho é uma expressão da teoria da estruturação de Giddens. Os agentes interagem com a realidade e se adaptam ao contexto de plataformização conforme se mostra plausível economicamente e é uma alternativa viável tanto para profissionais em formação quanto já consolidados no mercado de trabalho. Acertada a escolha do conceito de reflexividade ao objeto da pesquisa, porquanto, para interpretar a ação desses professores que conhecem as circunstâncias que os motivam, os atores sociais agem na realidade a partir das suas próprias decisões tomadas sempre tendo por referência a reflexão amparada sobre o conhecimento que possuem sobre as mudanças e as condições existentes

em seu contexto de atuação possível. As diferenças entre docentes mais adaptados ao uso de tecnologias digitais são compatíveis com uma parcela dos profissionais migrando ou ingressando na carreira e essa parcela crescente de indivíduos permite que as estruturas sociais abram espaço para o surgimento de novas formas de relações de trabalho compatíveis com a dinamicidade dos fatos sociais.

A complexificação do sistema de educação superior é favorecida por novas tecnologias e promove alternativas de carreira. Ainda assim, se pode afirmar que se trata de uma hibridização e não necessariamente de uma superação geral das formas típicas/tradicionais. O entendimento deste contexto pelos agentes lhes fornece mais informações necessárias sobre o seu espaço de atuação e as condições, regras e recursos disponíveis que podem mobilizar em seu curso de ação. A plataforma, igualmente, se mostra como um complemento ou um novo nicho que surge nas franjas do sistema para coexistir com o trabalho autônomo ou com o subordinado a instituições de ensino, mas principalmente como informação estratégica para os agentes. Essa realidade é uma constatação a partir das limitações do presente trabalho, pelo que se pode indicar a necessidade de novas pesquisas, mormente com amostra mais ampla a fim de possibilitar considerações mais abrangentes e consistentes sobre o fenômeno envolvido no trabalho de professores por plataformas digitais, notadamente privadas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. PESSÔA, Samuel de Abreu. *A carreira de professor estadual no Brasil: os casos de São Paulo e Rio Grande do Sul*. Revista de Administração Pública – RAP, Rio de Janeiro, 45 (4): 965-1001, jul./ago. 2011. ISSN 0034-7612.

BRANDES, Luiz Alberto. WOUTERS, Sionara B. A virtualização do ensino: um caminho em construção. *in* LAMPERT, Ernâni (Org.). *Educação, Cultura e Sociedade: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 139-50.

BRITTO, Ariana Martins de. WALTENBERG, Fábio D. *É atrativo tornar-se professor do Ensino Médio no Brasil?: Evidências com base em decomposições paramétricas e não paramétricas*. Estudos Econômicos, 44 (1), mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-41612014000100001>. Acesso em: 01 jul. 2022.

DEMO, Pedro. *Ser Professor é cuidar que o aluno aprenda*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DUBAR, Claude. *A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FELIPE, Eliana da Silva. CUNHA, Emmanuel Ribeiro. BRITO, Ana Rosa Peixoto de. *O avanço do projeto neoliberal nas diretrizes para a formação de professores no Brasil*. Revista Práxis Educacional, [S. l.], v. 17, n. 46, p. 127-51, jul./set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i46.8920>. Acesso em: 23 jul. 2022.

GIDDENS, Anthony. *Novas regras do método sociológico*. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 1997.

_____. *A constituição da sociedade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GROHMANN, Rafael. *A Comunicação na circulação do capital em contexto de plataformização*. Liinc em Revista, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v16i1.5145>. Acesso em: 05 Out. 2022.

KALSING, Janaína. *Jornalistas metrificados e a plataformização do jornalismo*. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

LANNER, Maíra Brecht. *Trabalho decente em meio ambiente digital*. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito). Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MOCELIN, Daniel. *Do trabalho precário ao trabalho decente? A qualidade do emprego como perspectiva analítica*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 42, n. 2, jul/dez. 2011, p. 47-62.

MOREIRA, José Antonio. SCHLEMMER, Eliane. *Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife*. Revista UFG, Goiânia, v. 20, n. 26, p. 2-35, 2020.

NELSON, Gesemia. MONSON, Melissa J. ADIBIFAR, Karam. *The gig economy comes to academia: job satisfaction among adjunct faculty*. Cogent Education, v. 7:1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/2331186X.2020.1786338>. Acesso em: 16 jul. 2022.

PAUGAM, Serge (Org.). *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015.

PIMENTEL, Mariano. CARVALHO, Felipe. *Cibertecnismo*. Revista de Educação Pública, v. 31, jan/dez. 2022. p. 1-22. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v31ijan/dez.13919>. Acesso em: 24 nov. 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. *Plataformização*. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. 22(1):2-10, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01> Acesso em: 10 nov. 2023.

PORTES, Lorena Ferreira. PORTES, Melissa Ferreira. *O trabalho docente no ensino superior em tempos de ensino remoto emergencial (ERE)*. Revista Libertas, Juiz de Fora, v. 21, n. 2, jul/dez. 2021. p. 533-553. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1980-8518.2021.v21.35254>. Acesso em: 24 nov. 2022.

QUIVY, Raymond. CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

ROSENFELD, Cinara. MOSSI, Thays Wolfarth. *Trabalho decente no capitalismo contemporâneo: dignidade e reconhecimento no microtrabalho por plataformas*. Revista Sociedade e Estado. v. 35, n. 3, set/dez. 2020. p. 741-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035030004>. Acesso em: 29 mai. 2022.

ROSENFELD, Cinara Lerrer. ALMEIDA, Jalcione. *Plataformização do trabalho*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 23, n. 57, mai/ago 2021, p. 9-16. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/15174522-117636>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SAMPIERI, Roberto Hernández. COLLADO, Carlos Fernández. LUCIO, María del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SCHNAPPER, Dominique. Elaborar um tipo ideal. In PAUGAM, Serge. *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 238-52.

TEODORO, António. *A educação em tempos de globalização neoliberal: os novos modos de regulação das políticas educacionais*. Brasília: Liber Livro, 2011.

WEBER, Max. *Ciência e política, duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. *Economia e sociedade*. Lisboa: Almedina, 2022.

APÊNDICE

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTAS:

I – Identificação do informante:

1. Idade:
2. Gênero:
3. Grupo étnico:
4. Principal ocupação:
5. Qual plataforma?

II – Carreira e trajetória:

6. Onde estudou?
7. O que estudou?
8. Quais seus títulos?
9. Tem currículo lattes?
10. Produção de artigos?
11. Participa de redes de pesquisa?
12. Já teve emprego formal?
13. Já teve emprego como professor em instituição de ensino?

III – Rotina de trabalho na plataforma educacional

14. Descreva sua rotina de trabalho desde a concessão do curso/disciplina até a execução junto aos alunos.

15. Apenas dá aula ou realiza pesquisa na plataforma?
16. Quantos artigos você produz por ano?
17. De quantos eventos você participa?

IV – Condições de trabalho

18. Para quantas plataformas trabalha hoje? Já trabalhou em outras?
19. Qual o tipo de contrato com a plataforma?
20. Qual a remuneração com a plataforma? Como é calculada? Jornada remunerada definida por horas, produto, conteúdo, número de alunos, outros?
21. Qual a carga horária semanal com a plataforma?
22. Que tipo de conteúdo você produz para a plataforma?

23. Há diretrizes pedagógicas da plataforma para a produção de conteúdo educacional?

24. Qual o número de alunos que é atingido pelo seu trabalho?

V – Motivação, satisfação e expectativas

25. Possui outro vínculo de trabalho? Qual?

26. Porque a plataforma foi uma opção profissional?

27. Como você chegou nessa atividade e porque permanece?

28. Você visualiza uma carreira nessa forma de trabalho?

29. Você se sente valorizado?

30. Você recomendaria o trabalho por plataformas a um professor em início de carreira? Por quê?